

“Eu vi uma árvore” e o princípio de uma metafísica esquálida[i] - 19/12/2023

Tenta argumentar que muitas árvores existentes não existem[ii]

****Árvores para elas mesmas**.** Há uma distância limítrofe a partir da qual deixamos de ver uma árvore que porventura estamos vendo agora. Quando nossa visão não a capta mais, ela deixa de existir para nós, embora possa haver outros campos de visão para os quais a árvore se apresenta (ou existe). Agora imaginemos uma árvore que nunca foi vista por ninguém. Podemos dizer que esta árvore nunca existiu para ninguém, mas poderíamos dizer que essa árvore nunca existiu? Ou que ela não existe? E uma árvore jamais vista e que já morreu, ela existiu? De ambas não temos notícias, elas nunca foram referidas por ninguém. Então, elas somente existem ou existiram para elas mesmas.

****Árvores para nós**.** Ocorre que elas-existirem-para-elas-mesmas somente é possível se algum de nós está aqui. Isso porque “ver”, embora de muito seres, é humano. Ter olhos, embora de muito seres, também é humano. Isto é, os nomes, os conceitos e essa linguagem que usamos para descrever o mundo e as coisas são humanos, já que outros animais veem, mas não sabem que veem ou não sabem o que é ver. Mas, se supusermos o mundo sem a espécie humana ou algum outro tipo de espécie capaz de conceituar o mundo e as coisas seja lá de que forma, não poderíamos dizer que o mundo existiria, e suas árvores, já que “existir” e “mundo” são expressões humanas.

****Falsos problemas**.** Isso posto há dois problemas que são falsos problemas: uma árvore que, jamais vista, morre e uma árvore que vive sem a existência da espécie humana. No primeiro caso, não podemos dizer que ela morreu porque jamais foi vista, não se sabe de sua existência. Não poderíamos falar dela. Já no segundo caso, poderia até haver uma árvore nesse mundo, mas não sabemos se haveria coisas como “árvore”, “mundo” e “existir”. Não haveria alguém para falar dela.

****Árvores existentes**.** Por outro lado, quando vemos uma árvore, podemos notar claramente que ela tem uma consistência, ela é material. Isso quer dizer que não duvidamos que haja mundo, mas há um mundo que categorizamos no limite de nosso entendimento e linguagem. Inclusive, se fosse possível catalogar as moléculas de oxigênio por sua origem, poderíamos saber da existência de determinada árvore, que expeliu aquele gás oxigênio por seu processo fotossintético, sem nunca a ter visto, embora a partir de uma evidência

passível de ser checada por nós e, sendo assim, ainda seria uma árvore para um humano. Ou mesmo pelo mapeamento dos resíduos de sua decomposição.

****Conclusão****. Do que foi dito, concluímos por uma simbiose temporal, isto é, enquanto houver uma árvore que é vista por alguém, se pode falar. A partir do momento em que, ou não haja alguém ou nenhuma árvore, nada poderá ser dito. Qualquer conceituação que escape a essa temporalidade é quimérica. Essa simbiose é tão forte que necessariamente só se fala do concreto e enquanto ele durar e por meio de conceitos que não passem disso, sejam eles abstratos, porque vazios de conteúdo, transcendentais, isto é, que se permitam ir além da simbiose ou imanentes, possivelmente propalando um tempo eterno.

* * *

[i] O uso das aspas indica que não estamos falando do fato em si, mas da expressão linguística. Ver “Conceitos” em
<<https://www.reflexoesdofilosofo.blog.br/2022/11/introducao-ao-significado.html>>.

[ii] Eu já tentei fazer filosofia por minhas próprias mãos, filosofia raiz, de boteco, aqui e eventualmente em alguma avaliação escolar, mas sempre fui malsucedido.